

A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NA ERA DA DESINFORMAÇÃO.

Amaro João da Silva Neto, Mariana Dias Pimentel

José Humberto Machado Tambor

Centro Universitário ENIAC

Resumo

Uma informação gera conhecimento, ajuda as pessoas a construir uma opinião sobre determinado assunto e aprimora o debate público. Porém da mesma forma meteórica que conseguimos informações, também nos deparamos com boatos e *fake news*, ou o famoso “ouvi dizer”.

A evolução tecnológica trouxe diversas possibilidades de acesso à informação, mas na mesma velocidade e facilidade que temos acesso à informações sólidas e de fontes confiáveis, também nos deparamos com fontes duvidosas e notícias tendenciosas. O acesso à informação facilita e orienta da melhor forma o entendimento de um determinado assunto, sem informações claras e confiáveis qualquer tentativa de combater uma pandemia tende a fracassar e além disso, promove uma teia de desinformações que atrapalham o processo de contenção da mesma, através de suposições sem embasamento científico que incentivam a práticas prejudiciais a saúde coletiva e individual. O presente trabalho traz um relato da disseminação de desinformação por meio de artigos e reportagens e seus impactos na sociedade durante a pandemia do COVID 19.

Palavras-chave: *Fake News*. Informação. Assunto. Evolução. Tecnologia.

1. Introdução

A tecnologia está presente em nossas vidas desde o século XVIII, onde pudemos observar sucessivas ondas de inovações tecnológicas obtidas por meio da introdução de máquinas e equipamentos, de novas formas de organização da produção e do desenvolvimento de novas fontes de materiais e energia, o que de fato ocasionaram mudanças importantes e benéficas para a sociedade atual.

De acordo com o Congresso Nacional de Educação (CONEDU, 2004), no âmbito da tecnologia e inovação nos meios de comunicação, uma das primeiras invenções tecnológicas foi o telégrafo, um meio de comunicação de escrita à distância. O engenheiro francês Claude Chappe foi o primeiro a utilizar o termo "telégrafo", em 1790.

Após a implementação e criação de telégrafo, outros meios de comunicação foram criados e implementados, como por exemplo, o jornal (que é utilizado até hoje), telefone, televisão e posteriormente a internet que sem dúvidas veio para revolucionar a comunicação e a propagação da informação.

Recentemente, no ano de 2020, ficamos reféns de uma pandemia global, que foi ocasionada após a transmissão do novo coronavírus (COVID-19), por se tratar de algo novo, nunca visto anteriormente pela ciência e com altíssimos índices de transmissão, em diversos lugares foram estipuladas medidas de segurança severas e até *lockdowns* e a informação que seria nossa principal aliada e de certa forma, um antídoto para a situação, se tornou um dos maiores venenos, a desinformação (SCIELO, 2020).

Segundo o Jornal do estado de Minas (2020), além dos conteúdos falsos veiculados pelas redes sociais, principalmente no WhatsApp, as autoridades de saúde de vários países têm se mostrado preocupadas com outro problema: o fato de que políticos e pessoas com altos cargos dentro de governos têm contribuído com a pandemia de desinformação.

A problemática será instaurada através do termo desinformação, que segundo o dicionário online de português, significa, informação falsa, dada no propósito de confundir ou induzir a erro (DICIO, 2007).

Durante o desenvolvimento do presente trabalho traremos, através de dados e informações, como a cultura da desinformação agravou a pandemia.

2. Objetivos

Utilizar dados e informações para comprovar como a desinformação afetou, acelerou e contribuiu com a disseminação da COVID-19.

A ausência de confirmação em fontes confiáveis do excesso de informação e a irresponsabilidade de chefes de estado foram cruciais para o agravamento do cenário epidêmico.

3. Metodologia

Usando meios eletrônicos e diversas fontes científicas de informação (PORTAL FIOCRUZ, UFRGS), adotamos como principal metodologia da presente pesquisa, o estudo de caso e revisão de literaturas.

Abaixo trouxemos alguns pontos e comparativos importantes que foram avaliados e colocados no contexto histórico, social e socioeconômico.

4. Desenvolvimento

4.1 Pandemias históricas X Pandemia de COVID 19.

No início de 2020, a revista Veja, realizou uma entrevista com uma série de infectologistas, a fim de fazer uma análise comparativa entre a pandemia de Covid 19 e eventuais pandemias já vividas pela humanidade. Segundo o entrevistador, no início de cada entrevista, o mesmo perguntou para todos profissionais se seria possível equiparar o momento que vivemos agora e o COVID 19 com algum fato histórico? Invariavelmente, surgiu a resposta: a peste negra.

Segundo o mundo da educação (2020), a peste negra foi uma pandemia que acometeu a Europa no século XIV provocada pelo bacilo *Yersinia pestis* e deflagrada a partir do ano de 1348. Esse acontecimento figurou entre aqueles que caracterizaram a crise da Baixa Idade Média, sendo os outros as revoltas camponesas no século XIV e a crise do feudalismo. Tendo em vista que durante esse período histórico, os meios de comunicação eram predominantemente centralizados nas igrejas e outras instituições do tipo, a explicação da epidemia teve versões e justificativas consideradas absurdas no cenário atual. Segundo o historiador Claudio Fernandes, a ciência biológica ainda não havia se desenvolvido na época da peste negra, e justamente por isso, as causas da doença eram atribuídas a origens sobrenaturais e, principalmente, a “bodes expiatórios”, como povos estrangeiros, em especial os judeus, gerando, assim, além da catástrofe natural, uma grande tensão social.

Outras explicações populares que contribuíram com a disseminação da peste negra na época, segundo a historiadora, Rachel Clamp (2020), a peste justificava-se desde o castigo divino para os pecados coletivos ao alinhamento das estrelas. Outras interpretações centravam-se na disseminação de maus cheiros ou “miasmas” como fonte de infecção ou um desequilíbrio nos frágeis “quatro humores” do corpo.

Mesmo após centenas de anos, em um século onde você consegue conversar com uma pessoa que está do outro lado do planeta em tempo real, enfrentamos problemas muito semelhantes aos ancestrais, grande parte dele gerado principalmente pela desinformação (ABRIL. 2006).

Atualmente, podemos comparar a tecnologia ao veneno e o antídoto social, um exemplo disso foram os avanços ágeis de tratamento e vacinação da COVID-19, segundo a Organização Mundial da Saúde (2021), em apenas 1 ano, foram desenvolvidas cerca de 182 vacinas diferentes, sendo elas dos mais diversos tipos de tecnologia, além disso, apesar de não haver remédios com total eficácia, os equipamentos para realizar o tratamento de pacientes infectados e a variedade enorme de testes para obtenção de diagnóstico, foram essenciais para o controle e para evitar uma catástrofe maior.

Em contrapartida, a tecnologia deu margem para que todos que possuíssem acesso a um celular, computador ou qualquer outro meio de informação, criaram teorias extremamente nocivas para o contexto. Segundo o portal de notícias UOL (2020), nas redes sociais, fizeram-se ligações diretas entre o vírus e as novas redes 5G, com um grupo muito popular no Facebook a defender que o vírus é uma forma de encobrir as doenças provocadas pelo 5G. Outro exemplo foi o caso relatado pela faculdade de ciências médicas da Santa Casa, que segundo os mesmos, foram espalhadas diversas na internet, algumas em tom de piada, afirmando que o consumo de bebidas alcoólicas pode ajudar a reduzir o risco de infecção pelo coronavírus. Muitas dessas mensagens recomendam o uso do álcool para beber, além de limpar e higienizar, consequentemente muitas pessoas por medo do desconhecido, seguiram à risca e tiveram complicações de saúde por conta da ingestão de álcool em gel, o que mostra como a desinformação é perigosa e atravessa séculos. (GLOBO.COM, 2020)

4.2 Principais problemáticas e consequências

Diante do cenário geral as consequências foram incontáveis, mas sem dúvida, a principal problemática instaurada foi a constante negação à ciência e aos protocolos de prevenção da disseminação da doença.

No 1º semestre de 2021, ocorreu a 2ª onda de casos em todo o Brasil, levando diversas cidades a adotar o Lockdown, segundo um estudo feito pelo jornal da USP (2021), a pandemia se agravou nesse período por conta da falta de utensílios de segurança, como máscaras e álcool gel, o que gerou novas variantes e uma taxa de transmissão altíssima.

Segundo o professor Esper Kallás (2021), titular do Departamento de Moléstias Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da USP, infectologista, coordenador do

Centro de Pesquisas Clínicas do Hospital das Clínicas e responsável pelos testes da vacina contra covid-19, as causas para a situação atual passam pelas novas variantes do vírus, mas também pela ausência de distanciamento social, uma negação pelas medidas sanitárias gerais e a simultaneidade da propagação.

O jornal Folha de SP (2021), argumenta que a desinformação sobre máscaras aumentou depois que Bolsonaro defendeu a desobrigação de seu uso, pois no dia 10 de junho, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) anunciou que o Ministério da Saúde publicaria um parecer para desobrigar o uso de máscara por pessoas já vacinadas ou recuperadas da Covid-19.

O virologista John Moore, da Weill Cornell Medicine de Nova York (2021), diz que: aqueles que foram vacinados não deveriam jogar fora suas máscaras neste momento. Esta pandemia não acabou, e justifica que mesmo com um percentual mais baixo que o normal, essas pessoas ainda podem carregar o vírus ou espalhá-lo por diversos locais.

Além disso, outra consequência da desinformação, foi o uso desenfreado de medicamentos sem comprovação científica de eficácia, como a Hidroxicloroquina, Cloroquina, Ivermectina e Azitromicina. Segundo a Fiocruz (2020), a hidroxicloroquina e a cloroquina tiveram suas receitas aumentadas de R\$55 milhões em 2019 para R\$91,6 milhões em 2020. A azitromicina também teve suas vendas aquecidas. Segundo a base de dados do Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados (SNGPC) (2021), esse fármaco apresentou um aumento de 30,8% nas vendas no período da pandemia, passando de pouco mais de 12 milhões de caixas vendidas em 2019 para mais de 16 milhões de caixas vendidas em 2020.

O potencial da hidroxicloroquina, por exemplo, começou a ser explorado a partir de um pequeno trabalho publicado na China. Mas ela só ganhou as manchetes com a publicação de um estudo feito pelo médico francês Didier Raoult e por sua equipe, segundo a revista UOL (2020).

Entretanto, um estudo realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2020), aponta que não existe nenhuma comprovação de que os medicamentos atuem contra o coronavírus. Pelo contrário, já foi demonstrado em estudo feito em grupo de pessoas que a melhora no grupo que usou os medicamentos foi idêntica ao grupo que não tomou.

Por fim, diversos médicos do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP) e do Hospital da Universidade de Campinas (Unicamp) concluíram que o uso indiscriminado do medicamento Ivermectina, por exemplo, levou pacientes a desenvolverem graves lesões no fígado, demandando até a necessidade de transplante (2021).

4.3 A Vacinação

Desde os primórdios, a forma mais eficaz de se combater uma crise sanitária causada por um vírus, é através de vacinas. Entretanto o que era para ser uma esperança e tecnicamente a salvação, acabou se tornando um grande antro de disseminação de desinformação e *fake News* (FIOCRUZ, 2021).

De fato, graças aos avanços tecnológicos uma vacina que seria criada em 5 ou 10 anos, foi desenvolvida em apenas 1 ano, com diversas inovações tecnológicas que iriam revolucionar e favorecer a imunização da população, contudo, segundo o jornal da USP (2021), o volume de publicações, em comparação com outras análises realizadas no ano passado, assusta: foram encontradas 368 publicações com conteúdos falsos sobre vacinas contra o COVID-19, 111 delas postadas em dezembro e 257, em janeiro. Em análise anterior, realizada entre maio e julho de 2020, quando começaram os testes dos imunizantes no Brasil, o número de publicações mensais alcançava, no máximo, 87.

Abaixo veremos algumas ilustrações:

Figura 1: Disseminação de conteúdos falsos na Internet.



Fonte: União Pró-Vacina, 2021.

Figura 2: Ferramentas utilizadas para disseminação de informações falsas.

Ferramentas utilizadas nas postagens antivacina

Fonte: União Pró-Vacina


41,6%
vídeos


24,5%
links


22%
imagens


11,7%
textos

Idiomas das postagens antivacina

Fonte: União Pró-Vacina

71,2%
português

19,8%
inglês

7,1%
espanhol

1,9%
outros idiomas

O volume de interação dos participantes dos grupos com o conteúdo segue alto. As 368 postagens de dezembro e janeiro obtiveram 3.942 reações, 1.313 comentários e 2.372 compartilhamentos.

A quantidade de posts por autor também chama a atenção: 126 autores foram responsáveis por todas as postagens, porém, apenas 16 deles responderam por quase metade das publicações (48,10%).

Fonte: União Pró-Vacina, 2021.

5. Considerações Finais

O presente artigo foi desenvolvido a partir de diversas pesquisas e estudos, onde mostram os impactos da informação na sociedade, seja ele positivo ou negativo.

Mostramos também que não é de hoje que os humanos sofrem com informações falsas sobre doenças, formas de tratamentos e até o negacionismo. Durante a peste negra em 1349, centenas de judeus foram mortos em fogueiras, pois eram perseguidos acusados de serem os transmissores da doença, esse episódio ficou conhecido como o “Massacre de Estrasburgo”.

Deve-se sempre lembrar de que a maior e melhor forma de combater uma epidemia é a informação, vindo de fontes confiáveis e com cunhos científicos, deixar de lado a negação e encarar a realidade.

Referências

CUNHA, CAROLINA. Novelo Comunicação: Desinformação na era da informação - o compartilhamento de mentiras e boatos na internet. **Uol atualidades**, 2020. Disponível em: <https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/desinformacao-na-era-da->

[informacao-o-compartilhamento-de-mentiras-e-boatos-na-internet.htm](#). Acesso em: 20 Ago. 2021.

CASTELFRANCHI, YURIJ. Universidade Federal de Minas Gerais: Ciência para a civilização contra a superstição. As fake news medievais. **Cultura São Bernardo do campo**, 2020. Disponível em: <https://www.saobernardo.sp.gov.br/web/cultura/-biblioteca-publica-lugar-de-conhecimentos-uma-historia-das-pandemias-parte-4>. Acesso em: 21 Ago. 2021.

BIERNATH, ANDRÉ. Saúde Abril: Quais as semelhanças entre a Covid-19 e outras pandemias do passado?. **Veja Saúde**, 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/tunel-do-tempo/semelhancas-covid-pandemias-passado/>. Acesso em: 10 Ago. 2021.

OLIVEIRA, João Carlos de. A importância da informação e da comunicação na pandemia de coronavírus: estratégias da promoção da saúde. **Universidade Federal de Uberlândia**, 2020. Disponível em: <http://www.comunica.ufu.br/noticia/2020/05/importancia-da-informacao-e-da-comunicacao-na-pandemia-de-coronavirus-estrategias-da>. Acesso em: 21 ago. 2021.

FERNANDES, Cláudio. Peste Negra. **Mundo Educação UOL**, 2015. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/peste-negra.htm>. Acesso em: 21 ago. 2021.

RÔMANY, Ítalo. Como a desinformação fez do 5G ‘causa’ da Covid-19 em diferentes países. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/23/coronaverificado-5g/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

CURY, Laura. Artigo: Consumo de bebidas alcoólicas pode reduzir o risco de infecção da covid-19?. **Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo**, 2020. Disponível em: <https://fcmsantacasasp.edu.br/artigo-consumo-de-bebidas-alcoolicas-pode-reduzir-o-risco-de-infeccao-da-covid-19/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

MACÁRIO, Carol. Desinformação sobre máscaras aumentou depois que Bolsonaro defendeu a desobrigação de seu uso. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2021/06/24/desinformacao-sobre-mascaras-bolsonaro/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

Negação de medidas sanitárias e novas variantes do vírus sobrecarregam sistema de saúde. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/negacao-de-medidas-sanitarias-e-novas-variantes-do-virus-sobrecarregam-sistema-de-saude/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

MELO, José Romério Rabelo *et al.* Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca**, 2021. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1350/automedicacao-e-uso-indiscriminado-de-medicamentos-durante-a-pandemia-da-covid-19>. Acesso em: 21 ago. 2021.

BIERNATH, André. 'Kit covid é kit ilusão': os dados que apontam riscos e falta de eficácia de tratamento precoce. **Viva Bem UOL**, 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/bbc/2021/01/27/kit-covid-e-kit-ilusao-os-dados-que-apontam-riscos-e-falta-de-eficacia-de-tratamento-precoce.htm>. Acesso em: 21 ago. 2021.

CARDOSO, Thais. Desinformação sobre vacina da covid-19 aumenta com o início da imunização. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/desinformacao-sobre-vacina-da-covid-19-aumenta-com-o-inicio-da-imunizacao/>. Acesso em: 21 ago. 2021.

PANDEMIA de desinformação: fake news sobre COVID-19 colocam vidas em risco. **Estado de Minas Internacional**, 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/06/19/interna_internacional,1158186/pandemia-de-desinformacao-fake-news-sobre-covid-19-poe-vidas-em-risco.shtml. Acesso em: 9 set. 2021.

Venda de Medicamentos Industrializados Sujeitos à Escrituração no SNGPC. **Portal Brasileiro de Dados Abertos**. <https://dados.gov.br/dataset/venda-de-medicamentos-industrializados-sngpc>. Acesso em: 9 set. 2021.